

## **O TURISMO EM BORBA: Entrecruzando Manifestações Turísticas e Religiosas na Amazônia Ribeirinha**

### **THE TOURISM IN THE CITY OF BORBA: Intercrossing Tourist and Religious Manifestations in the Marginal Amazônia**

Adnilson de Almeida Silva<sup>1</sup>

Lucileyde Feitosa Sousa<sup>2</sup>

Salette Kozel Teixeira<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

Objetiva mostrar a dimensão do turismo, sobretudo, o religioso, no município de Borba, às margens do rio Madeira, no Amazonas, por ocasião da Expedição Parintins em 2007. Retratando ainda o universo do turismo religioso, sem perder de vista a cultura amazônica, nas mais variadas dimensões, tornando importante apresentar o homem amazônico e sua relação com turistas, santos devotos, mitos, estetizações e natureza, dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Borba. Turismo. Religiosidade e Cultura Amazônica.

#### **ABSTRACT**

Objective to show the dimension of the tourism, over all, the religious one, in the city of Borba, to the edges of the river Wood, in Amazon, for occasion of the Parintins Expedition in 2007. Portraying still the universe of the religious tourism, without losing of sight the Amazonian culture, in the most varied dimensions, becoming important to

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e pesquisador-colaborador do Núcleo de Estudos em Espaços e Representações – NEER e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vida e Populações Amazônicas - GEP Cultura Amazônica/UNIR. E-mail: [adnilsonn@hotmail.com](mailto:adnilsonn@hotmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e pesquisadora colaboradora do Núcleo de Estudos em Espaços e Representações – NEER e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vida e Populações Amazônicas - GEP Cultura Amazônica/UNIR. E-mail: [lucileyde@feitosa.org](mailto:lucileyde@feitosa.org).

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – Universidade Federal do Paraná - UFPR. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER); Pesquisadora dos grupos de pesquisa da UFPR: Ordenamento Territorial do Turismo; Planejamento da Paisagem; Urbanização, cidade e meio ambiente. E-Mail: [skozel@ufpr.br](mailto:skozel@ufpr.br).

present the Amazonian man and its devoted relation with tourist, saints, myths, aesthetic and nature, amongst others.

**KEY-WORDS:** Borba. Tourism. Religiosities and Amazonian Culture.

## **1 Considerações iniciais**

O entendimento sobre a heterogeneidade da Amazônia brasileira é extremamente complexo. Sem dúvida, exige um olhar para as peculiaridades turísticas e culturais, uma vez que no contexto da cultura é possível perceber as manifestações diversas e expressas através de toda uma simbologia. Conhecer a Amazônia significa adentrar ao universo das experiências, do encantamento, da grandiosidade dos mitos, das histórias de encantarias que remetem ao fantástico-maravilhoso mundo dos personagens metamorfoseados: botos que se transformam em homens; homens que se transformam em cobras ou em aparições fantasmagóricas. Para além do acontecido, é uma paixão à primeira vista quando se tem a oportunidade de visitar a Amazônia das populações ribeirinhas, navegar nos barcos recreios, apesar das contradições sociais, econômicas e políticas existentes nesse espaço geográfico.

Nessa Amazônia, o tempo é diferenciado, as narrativas ouvidas e recontadas engendram o mundo do possível, do imaginável, do estranhamento. É o lugar que congrega experiências, cheiros e olhares no tempo que apresenta o sentido de tranquilidade e do efêmero ao mesmo tempo, sendo uma dinâmica marcada pelo universo das águas e das matas.

Seguindo a sucessão de imagens amazônicas, não se pode deixar de mencionar o quanto esta região é rica em atividades turísticas. São inúmeras as possibilidades a serviço do turista que almeja percorrer cada rio, enveredar-se pela floresta, descobrindo inúmeras histórias, a própria biodiversidade existente nos convida. Para o turista, não existe apenas a possibilidade de apreciar a natureza, mas, sobretudo há grande abertura para aprender com as

experiências humanas, com as manifestações culturais, estéticas e religiosas, desvendando um modo de vida muito peculiar e tipicamente amazônico.

## 2 Metodologia

Apresenta o potencial turístico da Amazônia, especificamente do município de Borba no estado do Amazonas, com suas manifestações turístico-religiosas, a partir dos resultados de pesquisas desenvolvidas por quatro Universidades durante atividades de campo na “Expedição Parintins” pelos rios da região em 2007, através de pesquisa participante e de entrevistas semi-estruturadas. A Expedição foi operacionalizada pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica -Amazônia – PROCAD e realizada pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, com a colaboração da Universidade Federal do Amazonas – UFAM e Universidade de Paris IV - Sorbonne.

Essa Expedição contou com a participação do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vida e Populações Amazônicas - GEP Cultura Amazônica/UNIR e do Núcleo de Estudos em Espaços e Representações – NEER/UFPR, cujo objetivo foi o de realizar pesquisas envolvendo as manifestações culturais na Amazônia, sobretudo, os festejos religiosos e modos de vida da população ribeirinha, cabocla e indígena.

A Expedição foi realizada no período de 8 de junho a 7 de julho de 2007 e o ponto de partida da equipe<sup>4</sup>, composta por 18 pesquisadores, foi a cidade de Porto Velho. Neste percurso fluvial, foram visitados vários municípios do Amazonas: Humaitá, Manicoré, Borba, Nova Olinda do Norte, Novo Aripuanã, Manaus, Itacoatiara, Parintins, navegando pelos rios Madeira, Solimões e Amazonas a bordo do barco turístico Comandante Ribeiro II.

---

<sup>4</sup> Professores Josué da Costa Silva, Maria das Graças Silva Nascimento e Silva e José Januário do Amaral - UNIR, Salete Kozel, Sylvio Gil Filho Roberto Filizola e Ana Gil – UFPR, Paul Claval - Paris IV, Benhur Pinos da Costa - UFAM; discentes Adnilson de Almeida Silva, Wendell Teles de Lima, Gustavo Henrique Abreu, Lindinalva Azevedo de Oliveira, Josimone Maria Batista Martins – UNIR, Fernando Rosseto Gallego, Mayara Morokawa, Camilla Jorge, Leandro Bamberg - UFPR. Tripulantes: João Bosco de Souza, Rogério Romero Passos, Carlos Alexandre Barroso Passos, José Antonio Moura da Silva, José Freitas Pereira Filho, Luiz Carlos Franco da Silva, Manoel Dimas Lopes da Silva.

O artigo em questão reúne os resultados das discussões e reflexões desenvolvidas pelo grupo a bordo do barco, tratando-se de um relato de experiências significativo por propiciar novos horizontes para se pensar o sentido da construção do espaço, do tempo e do lugar na Amazônia de rotas turísticas.

Para tanto, a opção de destacar somente o município de Borba nesse artigo se deu em razão da problemática levantada pelo grupo: Borba seria uma cidade viável ao desenvolvimento do turismo de forma sustentável, sem perder de vista as suas características culturais e religiosas? Diante disso, essa intenção de mostrar a dimensão turística encontrada em Borba nos conduzirá a novas percepções e olhares sobre o povo amazônico, tendo em vista que nos deparamos com a peculiaridade da cultura oral que passa de pai para filho, formando o patrimônio imaterial.

Contudo, tomamos como ponto de partida o conceito de percepção formulado por Tuan (1974; p.24; 1980) ao destacar:

“é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”.

Essa contribuição apresenta um olhar parcial dos sentidos, em razão dos diferentes processos e contextos histórico, ecológico e sociocultural, concebidos a partir das nossas percepções, vivências e conhecimentos.

### **3 Prévio contexto histórico da Amazônia**

A Amazônia desde sua “descoberta” há pouco mais de cinco séculos tem fascinado navegadores, exploradores aventureiros, cientistas, entre outros personagens anônimos ou não, em razão do seu gigantismo territorial, belezas cênicas e matérias-primas. Entender essa região na qual fascina, causadora de estranhamento se torna um imenso desafio.

Nas três últimas décadas uma nova formação de imersão no universo amazônico tem permeado esse território, sobretudo com o turismo de cunho

ecológico, de aventura, de lazer, entre outras formas, o que indubitavelmente tem um personagem central nesse processo, no caso os barqueiros, de acordo com Sousa (2004).

A Amazônia, por apresentar maior bioma do nosso Planeta, tem uma área territorial que abrange nove países da América Latina: Brasil, Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana Francesa e Suriname, sendo que a bacia hidrográfica do Amazonas possui área superior a 7.000.000 km<sup>2</sup>, proporcionando-lhe o *status* de um continente.

Constituindo-se num dos mais preciosos e ricos patrimônios ecológicos, em seu interior abriga variados ecossistemas que se interconectam produzindo o equilíbrio regional, assim cerca de 70% de toda sua área amazônica são compostas pela floresta tropical úmida de terra firme. As demais porções territoriais formam mosaicos fitogeográficos com matas de cipós, campinas, igapós, matas secas, umarizais, manguezais, matas de várzeas, campos de várzeas, cerrados, terra firme, matas de bambu, além de fitosionomias endêmicas, refletindo claramente que não existe uma uniforme de vegetação. Esse imenso tapete verde é importantíssimo, pois se constitui como a principal fonte provedora de alimentos para animais e peixes, sendo que toda a rede de rios, córregos, cachoeiras, lagos, igarapés e represas constituem os ecossistemas aquáticos da Amazônia.

Em termos geopolíticos, a Amazônia Legal brasileira ocupa 60 % do território nacional, extrapolando a própria região Norte, atingindo os estados do Maranhão e Mato Grosso. Apresenta uma baixa densidade demográfica humana, apesar de vir recebendo a partir dos anos 1960 uma quantidade significativa de migrantes que buscam oportunidades econômicas.

A política de ocupação na Amazônia, iniciada pelos portugueses nos séculos XVI ao XVIII e durante o período colonial, atendeu estrategicamente os interesses da coroa e encontrava-se voltada ao processo da conquista, defesa militar e soberania de fronteiras, direitos à navegação e ocupação produtiva. Para essas garantias foram realizadas construções de fortificações na bacia

hidrográfica do Amazonas<sup>5</sup>, os quais remeteram as “*primeiras marcas da civilização ocidental na Amazônia*” de acordo com Gonçalves (2001).

Nesse contexto, também se estabeleceram Missões e Ordens Religiosas como a das carmelitas e jesuítas que agiram com bastante desenvoltura em sua forma de ação, pois visavam “ocupar para explorar” a região, mediante a autorização do Estado-Colônia. Desse modo, favoreciam a “conquista das almas dos gentios indígenas”, e, em contrapartida, garantiam aos portugueses os territórios conquistados; o que indubitavelmente significava exploração dos recursos naturais através do extrativismo vegetal consubstanciado com a apropriação das drogas do sertão.

Os meios encontrados pelos missionários para a conquista das almas eram navegar em canoas que tinham a dupla função de permitir a navegação e o transporte dos produtos oriundos da exploração dos recursos naturais, implicando na escravidão, tendo como elemento a mão-de-obra indígena. Todavia, não era tarefa fácil cumprir os objetivos previamente, em virtude de uma série de obstáculos existentes, conforme Ximenes (1992, p. 03), como

[...] a ausência de uma quantidade suficiente de canoas, que correspondesse às necessidades de então, e a escassez de mão-de-obra para a realização das longas viagens fluviais. Os empreendedores que vinham de outros países, sentiam a falta de canoas públicas ou barcos de carreira, só havia canoas particulares.

Pode-se afirmar que a exploração dos indígenas era fato muito evidente na região, e como escravos encontravam-se submissos aos trabalhos mais duros, sendo que Ximenes (*op.cit.*, p. 04) caracteriza-os como: remadores forçados, soldados de infantaria, lavradores, pescadores, e, todavia em relação à navegação a quantidade de indígenas disponíveis era insuficiente no atendimento a demanda das freqüentes e longas viagens, sendo que a canoa tornava-se inócua sem a existência de homens para manejá-la, além do que

---

<sup>5</sup> Os Fortes de São José do Rio Negro, de São José de Marabitanas, de São Gabriel das Cachoeiras, de São Joaquim, de São Francisco Xavier de Tabatinga todos no Amazonas; de Santo Antônio do Gurupá, do Castelo no Pará; de São José do Macapá no Amapá; São Joaquim do Rio Branco em Roraima; e Real Príncipe da Beira em Rondônia, entre outros, sendo que alguns desses fortes utilizados em eventos e atrações turísticas na região.

necessitava do conhecimento dos práticos – indígenas para realizar tais empreendimentos.

A colonização na Amazônia foi intensificada no Século XVII pela política expansionista portuguesa, tendo a participação de missionários jesuítas, conquistadores dos sertões e militares, sendo que a maioria das vilas foi posteriormente transformada nos atuais centros urbanos da região, representando na assertiva de Furtado (1993) com objetivos muito claros: a) defesa militar e posse do território, onde a região passou a ser vista como uma reserva apresentando um potencial de exploração futura, na qual haveria de se afirmar a soberania; b) economia voltada à exploração das drogas do sertão, a exploração de certas espécies florísticas da floresta atendiam a finalidades diversas e eram exportadas para a Europa.

Por sua vez, Loureiro (1995) acrescenta ainda, como parte desse processo à captura e o resgate dos indígenas na mata através do descimento desses aos aldeamentos, visando à sua catequização. Desse modo, a Amazônia à época já se constituía como grande provedora de matéria-prima destinada ao mercado europeu que recebia essas especiarias, atendendo aos interesses estrangeiros, ao tempo que aqui se iniciava um tipo de desenvolvimento marcado pela exploração seletiva de recursos naturais, tendo destaque os indígenas nesse panorama.

Para Gonçalves (2001) nesse período se caracteriza as “*várias amazônias*”, estendendo aos dias atuais, sendo que indígenas passaram a serem destribalizados e aldeados, constituindo mudança de organização do espaço e do modo de vida, já que eram “descidos” para os aldeamentos missionários. Havia também indígenas que fugiam para a montante dos rios, geralmente acima das cachoeiras e corredeiras onde podiam continuar *livres*, e assim estabeleciam estratégias que garantiam a sobrevivência.

Nas proximidades dos aldeamentos indígenas e dos fortes militares se organizaram populações variadas de índios catequizados, mercadores portugueses e colonos, desenvolvendo núcleos que se espalharam na calha amazônica, constituída de uma população miscigenada, confirmando o que

Furtado (1993), considera como a conquista dos “*espíritos indígenas*” alicerçando as marcas do domínio colonial.

### **3.1 Borba e sua gente**

E nesse contexto surgiu às margens do rio Madeira a atual cidade de Borba, considerada a mais antiga concentração urbana do Estado do Amazonas, sendo que em 1712 a região já era conhecida pelo jesuíta português João Sampaiô que, posteriormente, fundou ali um núcleo populacional no ano de 1728.

Esse núcleo urbano, e outros fundados por esse jesuíta a exemplo de Santo Antonio das Cachoeiras, já extinta e situada a sete quilômetros da cidade de Porto Velho, estado de Rondônia, tinham como objetivos: a) reanimar a fé católica e difundir o catolicismo pelo mundo; b) conquistar e assegurar as fronteiras entre Portugal e Espanha; c) catequizar as populações indígenas, tidas à época, como gentios e sem alma.

Com 252 anos de emancipação política, Borba inicialmente era chamada de Trocano; depois adquiriu outras toponímias tais como: Borba a Nova, Freguesia de Santo Antonio de Araretâma, Vila de Borba. Segundo Ribeiro (2007) a história da cidade esteve inicialmente ligada à Capitania do Grão-Pará até o ano de 1755, sendo a vila inaugurada pelo então Governador e Capitão General do Grão Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado. No ano seguinte é criada a Capitania de São José do Rio Negro, atual Estado do Amazonas, sendo que Borba passa a ser a primeira vila dessa nova capitania.

A história de Borba foi forjada com intensas lutas envolvendo colonizadores e indígenas, sendo que os missionários viviam literalmente aprisionados em suas casas como forma de se defenderem dos constantes ataques dos indígenas. É preciso ressaltar que a condição de personalidade jurídica da cidade é marcada por vários percalços, desde à elevação ao rebaixamento de *status* por diversas ocasiões, cessando essa condição anômala somente no ano de 1939.

É importante observar no período de 1835-39, quando ocorreu a Revolta da Cabanagem, Borba foi um dos últimos palcos de resistência aos rebeldes e os moradores mais antigos da cidade relatam que a antiga Igreja de Santo Antônio de Borba era um dos últimos refúgios para os resistentes, inclusive tendo as mulheres lutado com armas de fogo.

Por outro lado, no período áureo do Ciclo da Borracha, Borba era um importante centro comercial da região do vale do Madeira, servindo como entreposto, além de articulação com várias outras vilas e cidades, sendo marcada pela forte presença na comercialização e no extrativismo de borracha (*Hevea brasiliensis*), castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*), entre outras.

É salutar destacar na constituição da religiosidade de Borba a presença de alguns atores sociais: caboclos, ribeirinhos, seringueiros, pescadores, barqueiros e migrantes que trouxeram importantes contribuições e elementos culturais de suas regiões. E, em contato com o novo ambiente, fez suscitar novos valores à sombra do extrativismo, os quais incorporados na cotidianidade social do município.

A presença desses migrantes de várias partes do Brasil, principalmente a de nordestinos na região, mantendo contato com os indígenas e caboclos, possibilitou a construção de um sistema de vida peculiar e com forte marca no território através do trabalho ribeirinho e extrativista segundo Loureiro (1995).

Dessa relação, construiu-se um sistema de vida e de trabalho integrando pescadores, seringueiros e artesãos que ainda vivem em função de produtos da floresta e do rio, marcadas por uma cultura de intensas relações com a natureza, perfazendo o imaginário dessas populações espalhada às margens dos rios. O extrativismo de acordo com Gonçalves (2001) é uma atividade que marcou a organização social do espaço amazônico, mesmo antes da presença colonial, e ainda estar muito presente na região, podendo ser incorporada ao turismo, sem que haja perda de identidade, gerando renda e trabalho de forma sustentável para os diversos atores sociais.

A constituição da cultura amazônica ocorreu a partir da influência cultural absorvida e amalgamada pelo caboclo através da aproximação com a cultura trazida pelos nordestinos. Logo, essa cultura possui um valor de subjetividade,

respeitando as peculiaridades regionais, tendo motivações simbólicas que resultam em criações que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e a natureza, refletida diretamente no processo de religiosidade. Para Gonçalves (2001), o caboclo ribeirinho é um dos mais representativos personagens na construção material e imaterial da Amazônia, à medida que possui todo um saber na convivência não somente com os outros sujeitos, mas, sobretudo, com os rios e com as matas.

Outro importante personagem nesse cenário é o barqueiro que, além de conviver diretamente com os ribeirinhos, pescadores e turistas, acompanhou as políticas em curso na região, participa da economia regional e local, sendo considerado culturalmente caboclo em razão de sua procedência nordestina. É sujeito primordial na constituição da cultura amazônica, principalmente por inserir-se na dinâmica do processo histórico de navegação na Amazônia, contribuindo na organização social, econômica e cultural do espaço amazônico de acordo com Sousa (2004).

### **3.2 Borba hoje e o turismo**

Com clima quente e úmido, o município de Borba possui uma área de 44.251km<sup>2</sup>, densidade populacional de 1,29hab/km<sup>2</sup>. Encontra-se distante 208 quilômetros de Manaus, localizando-se na mesorregião Sul-Amazonense e na microrregião do Madeira, tendo como limites os municípios de Autazes, Nova Olinda do Norte, Novo Aripuanã e Maués. Situando entre Porto Velho e Manaus, o acesso ocorre por via aérea durante três vezes por semana com vôos operados por Rico Linhas Aéreas e o transporte fluvial diário utilizando barcos, iates e expressos, com preços variando entre 40 e 70 reais.

Conta com uma população de 31.098 pessoas (IBGE, 2007), a maioria residente na zona rural, o município apresenta IDH de 0,599 situa-se na 4672<sup>a</sup> posição entre todos os municípios brasileiros (PNUD, 2000), sendo evidente a insuficiência de serviços em vários setores que compõem o índice mensurador de qualidade de vida, especialmente na saúde e saneamento básico.

A infra-estrutura de apoio ao turismo é constituída por hotéis que não conseguem atender toda a demanda gerada pelos eventos realizados na cidade, obrigando os turistas a irem para casas de parentes ou conhecidos, tendo ainda a opção de permanecerem nas embarcações, onde fazem suas refeições, tomam banho e pernoitam. Aqui, merece uma consideração especial, pois o povo amazonense tem como peculiaridade ser muito hospitaleiro, gentil, alegre e festivo, estando o turista motivado pela boa acolhida, sempre retorna.

No município, o turista encontra espaços destinados a manifestações culturais como danças típicas e tradicionais, além do forró amazonense que tem atrativos especiais, onde é impossível ficar alheio ao que está acontecendo e logo envolve a todos.

A cidade possui vários locais onde se pode apreciar a comida caseira, geralmente com muito caldo e apimentada com tucupi<sup>6</sup> enquanto se ouve bons relatos míticos<sup>7</sup>, passagens da vida, aventuras e dissabores. O turista tem ainda a opção dos restaurantes, com a diversidade culinária regional, composta principalmente de peixes, cozidões de carne, paneladas, sopas, caldos, mingaus, entre outras encontradas no mercado municipal.

Ainda no mercado, o turista poderá encontrar outros produtos regionais como castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*), cará e inhames (*Dioscorea sp* e *Colocasia esculenta*), macaxeira (*Manihot sp*), frutas e frutos regionais como pupunha (*Bactris gasipae*), tucumã (*Astrocaryum aculeatum*). Ingá (*Inga bullata Benth*), murici (*Byrsonima verbacifolia*), bacaba (*Oenocarpus bacaba Martius*), patuá (*Jessenia bataua*), cacau (*Theobroma cacao L.*), araçás (*Psidium*

---

<sup>6</sup> O tucupi é um molho de cor amarelada obtido a partir da extração do líquido da raiz da mandioca brava. A mandioca é descascada, ralada e espremida numa prensa ou espremedor de palha trançando, obtendo-se o líquido do tucupi, que ao ficar descansando numa vasilha uma parte condensa e vai ao fundo constituindo-se a goma. Por ser venenoso, o líquido passa por um cozimento durante várias horas, então está pronto o molho a ser usado na culinária, originando pratos muito apreciados como o pato no tucupi, galinha no tucupi, entre outros.

<sup>7</sup> No contexto dos relatos míticos é muito comum ouvir narrativas indígenas da região sobre o surgimento de animais, alimentos, entre outras experiências que foram sendo assimiladas e incorporadas pela população de Borba e da própria Amazônia. Uma dessas narrativas é quanto o surgimento do tucupi, onde é colocado que Jacy (lua) e lassytatassú (estrela d'alva), combinaram visitar o centro da Terra, porém quando estavam atravessando a região do abismo, uma mbóia (cobra) Caninana Tyiiba mordeu o rosto de Jacy. A mordida provocou uma imensa dor, então Jacy chorou e derramou muitas lágrimas sobre uma plantação de mandioca. A mordida da cobra marcou eternamente a face de Jacy, sendo que a partir das lágrimas surgiu o tucupy (tucupi), que serve de alimento para os indígenas e população da região.

*cattleianum*, *Psidium araça*; *Eugenia stipitata*). No período do festejo de Santo Antônio a economia do município é incrementada auferindo-se renda, especialmente para a população rural que consegue melhor preço para a produção agrícola.

Borba é tida como um dos pontos de apoio na rota hidroviária do rio Madeira, havendo grande movimentação de barcos de passageiros e de turistas, cargueiros de soja, petróleo, containeres com alimentos, eletroeletrônicos, eletrodomésticos, balsas transportando cargas, materiais de construção. Nesse rio é comum a presença de várias dragas de garimpagem e retirada de areias ao longo do rio, apesar de ser considerada uma atividade proibida e constitui um perigo à navegação.

Nas últimas décadas, em razão da religiosidade, outros atores sociais têm buscado a cidade de Borba, a exemplo dos diversos turistas, imprimindo uma dinâmica de consolidação do turismo religioso e da economia local, formando redes complexas e de caráter peculiar a essa cidade localizada no coração da floresta amazônica.

Destaca-se o elemento da paisagem como elemento construtor da fé, acrescido aos ribeirinhos, caboclos e barqueiros que ajudam a consolidar o fazer religioso, sendo divulgadores do turismo na região, dando sentido a identidade cultural daquela porção da Amazônia que outrora se constituiu numa importante rota para a economia local, durante o Ciclo da Borracha. E, atualmente, torna-se indispensável ao processo de integração regional através da navegação e do próprio turismo.

Nesse cenário, verifica-se um dos grandes cuidados que se deve ter é quanto à navegação, onde as típicas tempestades ou temporais amazônicos ocorrem em alguns meses do ano, em decorrência do encontro de correntes de ar contrárias, provocando chuvas torrenciais. É nesse momento que a habilidade e a prática de barqueiros e praticos da navegação tornam-se fundamentais evitando naufrágio ou colisão com outras embarcações.

Um dos componentes de incorporação ao ecoturismo ou turismo rural no município de Borba seriam as pequenas propriedades e fazendas que desenvolvem várias atividades produtivas, especialmente, agropecuária,

mesmo constatando a existência de processos de desmatamentos nas margens do rio em algumas propriedades. A atenção no município, por sua vez, volta-se ao turismo religioso como uma das fontes principais de geração de oportunidades e renda.

Nesse sentido, o turismo pode dentre outros benefícios, conforme assinala Swarbooke (2002), trazer renda a comunidades locais, oferecer empregos, estimular o desenvolvimento rural e regional e diversificar as economias locais.

No período dos festejos de Santo Antônio de Borba, a cidade praticamente quadruplica sua população, sendo que aproximadamente duas semanas anteriores ao dia treze de junho o tráfego de embarcações intensifica com a chegada de devotos, vindos de outras localidades do Amazonas, Pará, Acre e Rondônia, além de pessoas de outros estados e até do exterior. Para chegarem até Borba utilizam aviões e principalmente canoas, barcos de turismo e de linha regular, iates e expressos, com isso, aumentando o faturamento financeiro e gerando divisas econômicas ao município.

É muito comum no período de festejo religioso encontrar vendedores oriundos de Humaitá, Manicoré, Nova Olinda do Norte, Parintins, Manaus, Belém, Aparecida do Norte, Juazeiro do Norte que ali encontram meios de auferir algum tipo de renda, devido à cidade de Borba ser o segundo maior centro romeiro da Amazônia, ficando atrás apenas do Círio de Nazaré realizado em outubro na cidade de Belém, no estado do Pará. O comércio na época do festejo é bastante movimentado e os produtos religiosos são vendidos numa feira ao ar livre que aparece somente nessa época, podendo ainda ser encontrados eletrodomésticos, alimentos, vestuários e outros.

Outras atividades surgem estimuladas pelo evento como os bares que vendem grandes quantidades de bebidas alcoólicas, tocam músicas de diversas tendências: forró, pagode, brega, sertaneja, misturando-se com as músicas religiosas também, ocorrendo uma espécie de simbiose entre valores profanos e sagrados.

Segundo informações das pessoas residentes há mais tempo no município, os festejos existem praticamente desde a fundação da cidade. Cada

ano ocorre o aumento no número de pessoas chegando de barcos como peregrinos pagadores das mais diversas promessas desde a proteção pessoal, agradecimento pela graça alcançada, passando pela saúde, cura espiritual, até a aquisição e restauração de bens materiais ou então fazer novos pedidos, tendo a Basílica uma sala anexa conhecida como Sala dos Milagres, onde são depositadas as oferendas.

É comum nas procissões diárias encontrar pessoas de diversas classes sociais, com os mais variados objetos considerados sagrados e que serão oferecidos ao santo. O espaço destinado ao recebimento das oferendas encontra-se abarrotado de muletas, retratos, pinturas, réplicas, roupas, entre outros pertences.

Santo Antônio é uma herança da religiosidade portuguesa, sendo o padroeiro do rio Madeira, tendo a relíquia e os restos mortais depositados no Santuário da Basílica Menor de Santo Antônio de Borba. Na Igreja contam algumas pessoas da cidade que há uma grande relíquia guardada a sete chaves pelos padres que é uma parte da pele de Santo Antônio.

Essa Igreja se destaca no espaço urbano da cidade e oferece um estilo único de arquitetura no continente americano, possuindo torres altas e no seu interior apresenta vários afrescos incluindo um Cristo sorridente crucificado. A vocação religiosa é muito forte, logo na chegada à cidade pode ser observada uma enorme estátua de treze metros de altura, construída na década de 1990, simbolizando Santo Antônio de Borba.

O festejo religioso e a importância no contexto amazônico para o catolicismo fizeram com que o Vaticano elevasse a categoria de Diocese para Basílica, sendo inclusive a 11ª do mundo a receber tal distinção e funciona como uma Embaixada do Apostolado Católico no Brasil, reportando-se diretamente à Santa Sé em Roma.

Nos dias da festa que dura entre 10 e 15 dias, os moradores afirmam que surge uma série de problemas como trânsito caótico, prostituição, disseminação de drogas, entre vários outros; em contrapartida é o momento em que é possível auferir renda, pois basicamente toda a cidade é mobilizada a participar do evento, oferecendo seus produtos à venda. As pessoas mais

idosas e tradicionais constatarem que esses problemas, apesar da geração de trabalho e renda, nos últimos anos têm produzido algumas descaracterizações na cidade comprometendo o aspecto religioso e a proliferação do profano.

Nesse sentido, concorre concomitantemente com os festejos religiosos, a escolha da Miss municipal, organizado pela Prefeitura Municipal e que anteriormente era de responsabilidade da Diocese. Nesse evento, têm-se a presença de bandas musicais, algumas de expressão nacional, realizando-se no Balneário Municipal do Lira: espaço público localizado aproximadamente quatro quilômetros do centro da cidade, ficando totalmente ocupado tanto pela população local quanto pelos visitantes e turistas. Ainda comporta mais de trinta mil pessoas e é aberto durante o dia, sendo que a noite uma parte daquela multidão dirige-se à Basílica.

Nos dias dos festejos o único local em que não acontece agitação na cidade é o Cemitério Municipal São Francisco de Assis revelando as diferenças de status social do passado que se cristalizam na atualidade, e que traduz a religiosidade verificada nessa região do rio Madeira.

Essa religiosidade é importante na construção e afirmação cultural do povo da região, tendo como instrumento de comunicação na comunidade a Rádio Comunitária Santo Antônio e TV RedeVida, ambas ligadas à Igreja Católica, atendendo vários municípios e demais segmentos religiosos.

O município de Borba, além do turismo religioso, possui outras manifestações culturais que se inserem no campo do patrimônio imaterial. Desse modo é realizado a Festa da Melancia durante o mês de agosto e o Festival de Música de Borba (FEMUS) no mês de outubro, atraindo pessoas de vários municípios da Amazônia.

Outro importante evento é o promovido pelo poder público municipal, trata-se do Festival Cultural Indígena na Comunidade do Kwatá, no rio Canumã, com a presença das etnias Munducuru e Sateré-Mawé, visando difundir a cultura indígena, bem como atrair turistas e fortalecer a economia local. Esse festival é realizado no mês de abril, numa estrutura metálica construída especialmente para o evento, tendo um palco com 35m<sup>2</sup> coberto, escadaria e calçamento de 600m<sup>2</sup>, diferindo-se muito da arquitetura indígena.

Nesse importante cenário amazônico, o município de Borba apresenta uma excelente fonte para a realização de pesquisas científicas, em razão de sua história e de seu importante contexto regional, oferecendo possibilidades de investigação em vários campos do conhecimento e da técnica nos aspectos urbano-arquitetônica, populações amazônicas, meio ambiente, econômico, turístico, entre outros, em vista da gama de possibilidades existentes. Sobre tal perspectiva, usamos a contribuição de Leff (2002):

[...] o potencial ambiental de uma região não está determinado tão-somente por sua estrutura ecossistêmica, mas pelos processos produtivos que nela desenvolvem diferentes formações socioeconômicas. As práticas de uso dos recursos dependem do sistema de valores das comunidades, da significação cultural de seus recursos, da lógica social e ecológica de suas práticas produtivas e de sua capacidade para assimilar a estes conhecimentos científicos e técnicos modernos.

#### **4 Considerações finais não-conclusivas**

Ao analisar os festejos religiosos de Borba nos leva a perceber esta rara experiência que se inscreve em uma temporalidade comum a várias gerações do povo amazônico. Sem dúvida, esta experiência supõe uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho, isto é, a temporalidade e a continuidade das sociedades artesanais, em oposição ao tempo deslocado do trabalho no Capitalismo Moderno.

A arte de festejar, de fazer o turismo religioso ainda se mantém muito viva na área ribeirinha, é preciso estar inserido neste contexto de forma despojada de estigmas para entender como se dá todo esse processo que encanta tanto turistas quanto moradores do lugar.

O turista aprecia as histórias contadas pelos ribeirinhos de tal forma que comprova que a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores ribeirinhos e o conteúdo dessas histórias varia desde uma pescaria, produção de farinha, construção de canoa, participação nos festejos religiosos.

Na Amazônia, existem os mais variados narradores, situados historicamente no tempo e no espaço, e é importante percebermos como esses

sujeitos-narradores contam as suas histórias, como se orientam no trabalho a partir das narrativas, isto é, como se vêem dentro do universo amazônico repleto de histórias de encantarias, mitos e estetizações.

Esse contar evidencia o discurso renovado de vivências, significados, marcando o homem em um determinado espaço cultural, assim, renovando a dimensão do contar histórias, com destaque para as singularidades de cada grupo, de forma a estabelecer novas estratégias de organização e de sobrevivência do grupo.

É essencial saber que nessa Amazônia dos festejos religiosos, o modo de viver e o trabalho das populações ribeirinhas expressam essa significativa relação com o universo das matas (produtos da floresta) e das águas, revelando a cultura que consolidou um imaginário que fecunda o viver amazônico. Compreender o homem amazônico perpassa por esse entendimento das representações, advindas dos mitos e das estetizações presentes na paisagem amazônica.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Contagem da População. Brasília: IBGE, 2007.

FURTADO, Lourdes. **Pescadores do rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

PNUD. **Ranking do IDH-M dos municípios do Brasil**. Brasília: PNUD, 2000.

RIBEIRO, Aurimar. **Troceno - Areratama – Borba**. Borba: Arquidiocese de Borba, 2007.

SOUSA, Lucileyde Feitosa. **Navegar é preciso: barqueiros do rio Madeira, Cultura, Resistência e Sustentabilidade**. Dissertação de Mestrado. Porto Velho: NCT/PGDRA, 2004. 200p.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. 3ª ed., v.1. São Paulo: Aleph, 2002.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

XIMENES, Tereza. A navegação fluvial no desenvolvimento da Amazônia. In: XIMENES, Tereza (Org.) **Embarcações, homens e rios na Amazônia**. Belém: UFPA, 1992.